

Entre o provável e o impossível.

O real está cercado pelo possível por todos os lados. Mas não como se fosse ilha cercada por oceano. Porque não há linha que defina o real contra o possível: o possível se realiza ininterruptamente ao apresentar-se, e nós somos os moradores de tal zona cinzenta. Anfíbios que vivem com os pés no real e a cabeça no possível. Sempre tem sido assim, desde que o homem é homem; bicho que devora o possível, afim de realizá-lo. Mas a nossa geração é excepcionalmente privilegiada: o possível está se atualmente apresentando com riqueza e variedade jamais igualladas na história da humanidade. Numerosas virtualidades tidas por praticamente irrealizáveis há poucos decênios, estão se tornando prováveis. Estamos ainda com os pés no real, (embora não fiemos muito nele), mas com a cabeça estamos mergulhados na região flutuante entre o provável e o impossível. Os verdadeiros realistas são atualmente os que exploram tal região flutuante. Viver atualmente é viver aventura. Estamos nos preparando para decolar do real, para transformarmos de anfíbios em planadores.

Os horizontes que estão se abrindo são literalmente deslumbrantes. As aventuras do passado, como sejam as viagens espaciais, as descobertas renascentistas, as expedições ousadas dos antigos para além das colunas de Hércules e rumo à terra das formigas cavadoras de ouro, e até a aventura gloriosa dos nossos antepassados longínquos que abandonaram a floresta para dentrar a savannah centro-africana, empalidecem se comparadas com as nossas próprias perspectivas. São sobretudo três os terrenos que começam a condensar-se do impossível para se tornarem de mais em mais prováveis: o do campo electro-magnético, e da genética, e o da neurofisiologia. Tais terrenos, quais ondas de maré alta, varrem dois outros, os quais ainda recentemente concentravam sobre si o interesse: o da física nuclear e o da astronomia. Os avanços em direção das partículas e dos astros estão se rapidamente banalizando, já que se dão na região entre o provável e o realizável. E por detraz dos três terrenos que estão emergindo do impossível começam a delinear-se vagamente mais outros, muito mal captados por termos como sejam psicotropicos e para-psicologia. Temos a sensação inebriante que a aventura está apenas se iniciando. Não podemos mais viver, agir e pensar como antes. As nossas categorias epistemológicas, (ciência), estéticas, (arte), e éticas, (política), deixam de ser operantes. O verdadeiro desafio que a aventura nos lança é o de elaborarmos novas categorias de ação e de pensamento, novas categorias de vida. Estamos nos transformando.

Este ensaio tratará do terreno electro-magnético emergente, daquilo que se costuma chamar "cultura imaterial" há alguns anos. Procurará sugerir e que novas categorias tal terreno provável, (embora impossível há uns poucos anos), nos obriga. Mas não posso deixar de lançar olhar furtivo em direção dos dois outros terrenos. Na genética estamos nos preparando para criarmos novas formas de vida, ao acelerarmos os processos mutativos, e ao os deliberarmos. Já agora começam a surgir virus e bactérias projetados e programados, nos laboratórios estão sendo fabricados clones e quimeras de organismos complexos, e órgãos até agora inexistentes, (tanto sensoriais quanto motores), estão sendo simulados. Mas não é tal desenvolvimento de organismos já agora provável, (como seja novas espécies de plantas, animais e, por quê não, epi-humanos), que está desafiando a nossa imaginação e fantasia, (afinal, os mitos do tipo Pygmalion e Golem, os mitos fundadores da arte, o prefiguram). É a

possibilidade sempre mais provável de irmos a sintetizar vida com elementos que não o carbono que rasga horizontes inacessíveis a fantasia mais exerbada da ficção científica da atualidade. Não há dúvida: a biosfera com sua mutação lenta e sujeita ao jogo do acaso está em vias de ser substituída por formas de vida artificial, programadas e transformações rápidas e abertas em leque.

A neurofisiologia oferece perspectivas ainda mais estonteantes. Não estou pensando em primeiro lugar nas simulações de processos cerebrais, nas ditas "inteligências artificiais", sejam elas fundadas em silício, sejam feitas de tecido nervoso. Estou sobretudo pensando na possibilidade desde já aberta para dirigir e controlar os processos cerebrais mesmos, (seja do próprio cérebro, seja do cérebro de outrem), e na transplantabilidade de cérebros, (de memórias e de processamento de dados), de um organismo para outro, por exemplo de pessoas idosas para corpo de recém-nascido. Tais perspectivas são estonteantes, porque colocam problemas tidos por "transcendentes", como seja o da identidade, do espírito, da mente, da morte e da imortalidade, em contexto cientificamente e tecnicamente acessível.

O mais óbvio terreno no qual está ocorrendo a aventura é o da revolução informática, no entanto. A chamada cultura imaterial, a cultura do simulacro, a da pós-história, (para recorrer aos termos de Lyotard, de Baudrillard, e ao meu). Ao pensarmos nisto, temos em mente coisas como radios, TV, vídeo, satélites, cabos, disquetes de computador, hologramas, isto é na simultaneidade e interatividade de todas as mensagens. Sem dúvida: as implicações disto são vastas. A simultaneidade implica superação da geografia com suas categorias "cidade", "campo", "nação", "língua materna", implica cultura a um tempo universal e regionalista. E a interatividade das mensagens implica relações intersubjetivas, democracia direta sem necessidade de representação e governo, e organização cibernética da sociedade. Tais implicações, por certo revolucionárias, estão sendo no entanto objeto de numerosos estudos dos ângulos mais diversos, e não será isto o tema aqui perseguido. Dirigirei sua atenção sobre duas implicações mais revolucionárias ainda: a transformação da posição existencial, e a transformação da vivência estética, (isto é: do clima da vida).

O termo-chave da revolução informática é "informação", o que significa configuração pouco provável. A cultura humana pode ser definida como estrutura que visa a produção, a transmissão e o armazenamento de configurações pouco prováveis. Configurações do tipo "ponte", "organização bancária", ou "sinfonia". Ora, a cultura não é a única ilha informativa no universo, o qual como um todo tende para desinformação crescente. No universo surgiram, estão surgindo, e surgirão configurações improváveis como galáxias, organismos vivos e cérebros humanos. A diferença entre informações naturais e culturais está no fato que as naturais surgem ao acaso, e as culturais deliberadamente. O cérebro humano é estrutura surgida ao acaso que inverte a produção de informações, (a "criatividade", ao torná-la deliberada. O cérebro humano é ponto de ruptura no processo criativo: é sede da liberdade.

Os processos que ocorrem nas sinapses cerebrais, (percepções, imaginações, sentimentos, desejos, pensamentos e decisões), são saltos quânticos e podem ser formalizados por cálculos de probabilidade. No entanto: resultam em atos deliberados. Tal dialética da liberdade, a qual opõe o ato livre não tanto à necessidade quanto ao acaso, pode ser analisada e vivenciada apenas atualmente. Tal vivência é sintoma da revolução informática em curso.

Até agora, no curso da história, o homem armazenava suas informações sobretudo em matéria inerte: pedra, tijolo, papel, tela coberta de óleo, aço. Ao fazê-lo, vivenciava ele a resistência da matéria; liberdade contra necessidade. Deveramente as informações serão armazenadas em campo eletro-magnético, (fitas, discos, memórias de computadores). O que se vivencia em tal caso é o jogo do cálculo e de computação, portanto o acesso como opositor da liberdade. A cultura imaterial emergente está colocando em termos novos o problema da liberdade. As implicações disto são vastas. No decorrer da história o homem ia adquirindo consciência histórica, isto é consciência do efêmero da informação armazenada em matéria inerte. Toda obra humana, (matéria informada), está condenada a se decompor, (cidades caem em ruínas, culturas inteiras vão ser esquecidas). As memórias imateriais são mais frágeis, (mais eternas que o bronze). Ora, isto implica em desvalorização da obra, e na valorização da informação imaterial, dite "pura". O novo conceito de liberdade implica transvalorização de valores.

Imprimir informação sobre objetos, (trabalhar), continuará a ser feito no futuro, e que seja apenas porque o corpo humano necessita de matéria informada, (pão, casa, roupa). Mas o confronto com a matéria inerte será relegado do homem sobre instrumentos automatizados. Trabalhar será gesto indigno do homem. O gesto humano se concentrará sobre a elaboração de informação imaterial, a programar os instrumentos, e a criar configurações improváveis. Isto significa que o homem será de menos em menos sujeito de objetos, e de mais em mais inserido em relações intersubjetivas. De menos em menos determinado pelo mundo objetivo, e de mais em mais condicionado por suas relações com outros homens. Tal desprezo por objetos, (sejam naturais, sejam culturais), e tal valorização do ato criativo que relaciona homem com homem, (tal desprezo do suporte da informação, e tal valorização da criatividade pura), resultará em transformação da posição existencial humana. Não mais sujeito de objetos, (mente fazendo face à matéria), mas o outro dos outros, disposto a alterar o outro e a ser por ele alterado.

Tal mutação existencial é também e sobretudo mutação estética, (de "aisthetai"-vivenciar-se). Uma das consequências da imaterialização da cultura é o surgir de um novo pensamento imaginativo. Estão emergindo imagens que são resultado de cálculo e computação de conceitos claros e distintos. Imaginação nova: pós-conceitual, não pré-conceitual, imaginação que surge da crítica, não que a exige. As novas imagens têm a crítica, isto é a ciência, no seu bojo. O crítico, o cientista, precede o artista, e a arte é resultado de crítica criativa. O impacto de uma fita video-clip, de uma imagem digitalizada e animada, de um holograma, (como de uma composição musical programada e sintetizada, de um poema com manipulação de word processor), é violento, por mobilizar no receptor os três níveis de consciência simultaneamente: o pré-conceitual, o conceitual, e o pós-conceitual, e por isto mesmo torna a recepção difícil.

Acresce que, dada a interatividade da mensagem informática, e distinção entre emissor, crítico, transmissor e receptor não mais é viável. Todo receptor é virtual emissor, e isto imediatamente no momento da recepção da mensagem. A experiência estética passa a ser imersa em clima de responsabilidade. Isto explica porque há resistência contra a invasão da cena por este tipo novo de imaginação e imagem. Não seria isto "arte" no significado tradicional, (ideologicamente sacralizado), do termo. A querela não é apenas semântica; questão de definição de termos. Isto seria fácil a ser resolvido, ao definirmos "arte" como produção de modelos para vivências do concreto. A querela é ideológica; propor modelos para vivências do concreto seria, segundo os de-

fensores dos valores históricos, tarefa reservada a especialistas, (os que dispõem de intuição, talento, gênio, vocação, e termos empíricos equivalentes). No entanto: o impacto estético desde já exercido pelas imagens imateriais, (sobretudo em telas e monitores), vai silenciar indubitavelmente todas as reservas. As novas imagens, embora ainda tecnicamente primitivas, estão desde já invadindo a cena.

O que está ocorrendo, em termos estéticos, é um novo espanto. As novas imagens espantam. Basta observar pessoa exposta pela primeira vez na vida a hologramas ou a imagens digitalizadas em permutação programada. Ora, o espanto, (propter admirationem anim), é o sintoma da arte. Depois de séculos durante os quais a mensagem estética, subjugada por mensagens científicas e políticas, tem sido eliminada da sociedade e encerrada em guetos glorificados do tipo academia, exposição e museu, assistimos a re-estétização da vida cotidiana. Importa, no entanto, a insistir na novidade revolucionária de vivência concreta proporcionada pelas novas imagens: não mais pre-científica, (mítica, mágica), mas pós-científica, (exigindo reação responsável).

Não preciso insistir nos perigos inerentes em tal mutação do sentido estético de vida. Na sua potencial banalidade, e na possibilidade inerente nela de manipular o comportamento da sociedade. Tais perigos são precisamente os desafios estético diante dos quais a atual aventura nos coloca. Mas nós, os que refletimos sobre a cena e os que nos engajamos a nela interferir, não podemos fugir da nossa responsabilidade. Que é a de elaborarmos categorias estéticas novas. Abrem-se diante de nós perspectivas deslumbrantes e ameaçadoras. Depende em grande parte de nós se a utopia em vias de emergir será positiva ou negativa.